

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Martinez, Benigno F. 1904. Os índios Guayanãs. *Revista do Museu Paulista*, vol. VI, pp. 45-52. São Paulo: Typographia do Diário Oficial.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/martinez_1904_guayanas

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente artigo foi extraído de volume digitalizado pelo Google Books (<http://books.google.com>) e incluído na Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em junho de 2008.

4 Yoo Paulo

REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

PUBLICADA

POR

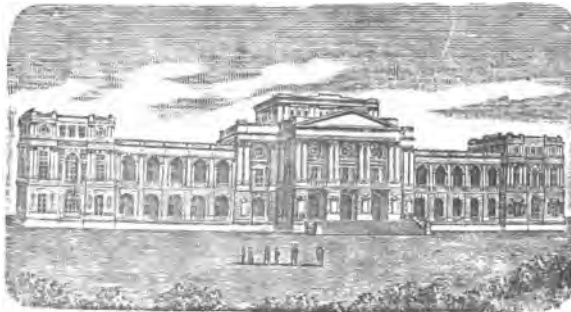
H. von IHERING, Dr. med. et phil.

Director do Museu Paulista, socio honorario da Sociedade Anthropologica Italiana, da Academia de Sciencias em Cordoba, da Sociedade Geographica de Bremen, da Sociedade Anthropologica de Berlim, da Academia de Sciencias de Philadelphia, da Sociedade de Naturalistas de Moscow, da Sociedade Entomologica de Berlim, da Sociedade Scientifica do Chile, da Sociedade Senckenberg dos Naturalistas de Frankfurt, a. M., da Sociedade Scientifica Argentina, da Sociedade Zoologica de Londres, da União Ornithologica de Londres, da União dos Ornithologos Americanos, da Sociedade Nacional de Agricultura, do Instituto Archeologico de Pernambuco, do Instituto Geographico e Historico da Bahia, etc.

=====

VOLUME VI

=====



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO «DIÁRIO OFFICIAL»

1904

Os Indios Guayanãs

POR

BENIGNO F. MARTINEZ.

Crêem que os Guayanãs de S. Paulo procedem de uma das *raças* primitivas do Brazil, segundo a classificação feita pelos ethnographos desse paiz.

As numerosas tribus do Brazil, são divididas em dois grandes grupos:

1.º A *raça primitiva* (Abauna); 2.º a *raça mixta*, dividida em dois ramos: Os *Tupys*, ou Tupiês, e os *Tapuyas*. A esta ultima pertenciam os *Guayanazes* (*Guayanãs* de S. Paulo). Estes selvicolas, como as demais tribus da *raça Tapuya*, falavam grande numero de linguas, em quanto que os individuos da *raça Tupy* entendiam uma lingua geral, um tanto modificada, comtudo, por muitos dialectos.

Varnhagen, por sua parte, só acceita uma lingua geral e uma só *raça* primitiva, chamada Tupinambá, embora falassem dialectos daquella lingua e se denominassem de modo diverso;—assim, é que no Maranhão, como no Pará, Bahia e Rio de Janeiro, si se perguntava a um indio de que nação era, respondia logo que da *Tupinambá*.

Como quer que seja, o nome da nação *Guayá* ou *Guaya-ná*, - não significa outra cousa que *Guaya* (gente) e *ná* (estimada) «nós os estimados» ou tambem *quay* e *aná* (gente) (1).

(1) *Varnhagen: Historia Geral do Brazil; t. I pag. 100.*

Os possuidores da Capitania de S. Vicente denominavam-se a si proprios *Guayanás*, uns que não queriam olvidar a sua procedencia do norte, dos *Tainoyes*, *Temiminós* e outros, finalmente, *Tupinambás*.

Seus visinhos, porém, os chamavam *Tupiniquis* (segundo Staden) e os seus inimigos, em guerra com elles, os appellidavam *Maracajás* (Gatos bravos). Os colonos os denominavam *Caboclos*, nome que exprime o contrario de *Emboaba* (perni-vestidos) que os indios davam aos primeiros. Tambem os chamaram *Bugres*, nome que os viajantes acceitaram sem as devidas resalvas, pois esse nome apenas significa escravos, e desse modo denominaram os primeiros colonos ás tribus do Brasil.

Como quer que seja, não se deve ter em conta os nomes das tribus ou nações para classificar-as; é indispensavel estudar seus caracteres anthropologicos.

Vejamos, agora, si os *Guayanás*, do alto Paraná podem ou não ser oriundos dos que habitaram nos tempos da conquista em Piratininga, (Peixe-secco) hoje S. Paulo.

E' inquestionavel que as tribus brasilico-guayaniticas eram nomadas e não se deve extranhar que as suas peregrinações, desde o Amazonas (*Paraná-Assú*) até o Rio da Prata (*Paraná-Guaçú*), hajam produzido em um lapso de tempo, mais ou menos largo, as confusões que se notam na distribuição das tribus guaranys desde o tempo da descoberta do Brasil até nossos dias.

Si os *guayanás* foram os primitivos habitantes de Piratininga, ás margens dos affluentes mais septentrionaes de Paraná, pôde-se extranhar que Azara os haja encontrado no Alto Paraná no seculo XVIII, onde, no seculo passado, estudou seu vocabulario o Tenente do Exercito Paraguay D. Domingo Patinho (1863) e o explorador Lista em 1883?

O sr. Felix de Azara começa a descripção dos seus *Guayanás* (seculo XVIII) declarando:

«Que eram *muito diferentes dos que no Paraguay tinham este nome sendo guaranys.*» Trata-se por conseguinte de outras tribus *Guayanás*, que, supponho,

são oriundas do Norte, isto é, das nascentes do Paraná e seus affluentes de S. Paulo (Piratininga).

Estes *Guayanás* (de Azara) viviam, no seculo XVIII, nos bosques orientaes do Rio Uruguay, desde o Rio *Guirai* para o Norte e tambem a leste do Rio Paraná, *muilo mais acima* do povo de Corpus.

«Parece que suas tribus», pondera o auctor citado, «são muito pequenas e independentes umas das outras. Differem de todos os outros povos indigenas *no idioma*; no falar alto, agudo e desentoadamente; na sua côr muito notavelmente mais clara; na physionomia mais alegre e activa; na circumstancia de alguns terem olhos azues e na sua *estatura* um tanto descarnada, bem proporcionada, sem ceder (?) á hespanhola. Não têm *barba* e conservam as *sobrancelhas e pestanas*. São pacificos e um tanto carinhosos com os estrangeiros. Conhecem-se os vações devido ás muitas cicatrizes que têm nos braços, resultado, creio, dos duellos e brigas, semelhantes aos dos Charrúas e de outras nações. Os mesmos cingem a fronte com uma cinta de plumas tecidas com fibra de *caraguatá*, sendo as vermelhas as que mais apreciam, no mais andam *totalmente nus* e as mulheres cobrem a cintura com um tecido do mesmo caraguatá.

Parece que temem passar rios grandes, e se assemelham aos tupýs nas armas, nas habitações, na agricultura e em possuir animaes domesticos.

No tempo da conquista encontrou-se esta nação circumdada de Guaranyes na Provincia de Itati, nos campos de Jerez. Aldearam-na os hespanhoes, formando della uma povoação que foi assaltada e destruida pelos portuguezes, sendo seus habitantes vendidos no Brazil como escravos» (1).

Nas precedentes linhas, não só prova D. Felix Azara que os *Guayanás* por elle descriptos não eram *Guaranyes*, como tambem affirma que tinham *lingua propria*.

(1) *Descripção historica do Paraguay e Rio da Prata* T. I. pag. 191.

Sua afirmação de que não se atreviam a passar grandes rios não se explica, sendo, como o eram, *Canoeiros*, e demais, porque os exploradores *Patinho* e *Lista* os encontraram na parte occidental do Alto Paraná no decimo nono seculo. Estas tribus nomadas eram muito andejas e de seculo em seculo deviam trocar necessariamente de localidade, fazendo largas travessias, sobretudo desde que começou a perseguição pelos conquistadores. E não só mudavam de logar, como também de costumes, segundo se nota nas pequenas variantes entre o relatorio de Azara e o de Lista, que reproduzimos e. n. seguida, porque permitem reconhecer que se referem a uma mesma nação indigena, formada pelas tribus *Guayanãs* do Oriente do Paraná, e Uruguay e as do Occidente daquelle rio.

Os indios canoeiros conhecidos com o nome de *Guayanãs*, diz Lista, habitavam nos bosques occidentaes do Rio Paraná, entre o parallelo de Corpus e o rio Monday.

Antes de tudo, os caracteres anthropologicos que distinguem os *Guayanãs* e que tenho tido occasião de observar com frequencia, durante a minha viagem, são muito salientes e quasi identicos aos dos outros selvagens sul-americanos.

A maioria é de uma côr ligeiramente bronzada ; de olhos grandes e escuros.

A estatura media, oscilla entre 1m,55 e 1m,60, notando-se que as mulheres são commummente mais altas que os homens.

A forma do craneo é muito variavel ; porém predomina a mesocephala. A cara é bem mais comprida que larga ; o collo curto ; as mãos e pés pequenos e bem conformados. Usam o cabello, que é negro e basto, curto e recortado as vezes sobre a frente, quiçá como demonstração de desafio.

Differem notavelmente dos demais povos guaranys pela voz que é aspera e dissonante, pelo uso de algumas palavras que parecem exoticas, e também pela expressão mais benevola do rosto que, com frequencia, é tatuado.

Não têm barba e nem pelo algum no rosto, com excepção das sobrancelhas e pestanas, que alguns *dandys* com especial esmero conservam.

Os dois sexos cobrem sua nudez com avental de algodão que fixam na cintura, por meio de uma corda de caraguatá.

As mulheres cuidam da habitação, tecem e cultivam a terra. Os homens buscam os alimentos, confeccionam as armas e utensílios, constroem as chôças para abrigo de sua prole e escavam o tronco de algum timbó ou cedro que se converte em fragil canôa.

O *guayaná* é mui dado á pesca, porém nunca se descuida da caça. Sentado á pôpa, maneja sua rapida embarcação, com uma longa pá, e suas certas flechas estão sempre ao alcance das suas mãos. Quando a batida na selva é infructifera, o *guayaná* aprompta seus apparatus de pesca e, sem dizer adeus á pessoa alguma, se lança nas ondas do Paraná, em busca de praia distante que o brinda com abundante porção de peixes.

Com frequencia permanece fóra da habitação semanas inteiras, enquanto sua mulher e filhos o esperam anciosos, vagando durante o dia á margem do rio e invocando á noite, o *bom genio* que habita as grutas basálticas dos seus barrancos.

Tenho em meu poder suas armas que consistem em cacetes nodosos e pesados, e flechas com seis a sete quartas de comprimento com pontas de ferro ou de madeira dura, denteadas, as vezes. O arco de que usam é quasi recto, grosso no meio como a munheca. Não usam carcazes, que eu saiba.

O *guayaná* é pusillanime e supersticioso.

Teme os christãos, teme os *tupys* e os *cayuds*, teme os tigres, o raio, o vento e os redemoinhos. Um peixe que salte sobre a onda, o grito pungente de uma ave, o ganido de um cão ou um traço luminoso que deixe no espaço durante a noite um meteoro qualquer, são prenuncios de grandes calamidades.

Antigamente, os mortos eram enterrados em vasi-

lhas de barro fabricadas para esse fim; hoje, está olvidado esse costume, enterrando-se os cadáveres directamente na terra, com as pernas sobrepostas e as mãos cruzadas para baixo. Em signal de luto e á imitação dos Charruas e Minuanos, cortam-se o rosto e os braços com espinhas e ossos aguçados.

Parece que toda a nação *guayanã* conta apenas umas seiscentas almas, que habitam, em sua maior parte, a « Villa Azara » e suas immediações (1).

Esses guayanás descriptos por Lista são, a meu vêr, originarios do norte do Paraná, quiçá da região de Piratininga, embora se notem em sua lingua affinidades com a *Ingaim* de algumas tribus do Estado do Paraná. Deve, pois, elucidar-se, pela comparação dos vocabularios adjunctos e dos caractéres anthropologicos acima reproduzidos da obra de Lista, se os guayanás do alto Paraná correspondem ou não aos habitantes indigenas de S. Paulo.

Confrontado isso, agradeceriamos ao Dr. von Ihering, nos cõmunicasse o resultado das suas investigações.

Grupo Guayanã

<i>Portuguez</i>	<i>Guayanã</i> (2)	<i>Ingaim</i> (3)
Sol	Roinhá (P)	Ran; ara; aró.
Lua	Pirihi (P).	Puiri; puiré.
Dia	Roinha (?)	Ran; morau; teum.
Terra	—	Taum.
Agua	Cram (P); pranl (L).	Kran; Rarat.
Fogo	Upai	Pein; pen.
Padre ou Pae	—	Iong; io; nijong.
Mãe	Anhá (P)	Ná; nie.
Olhos	Apiatá (pl.)	Ampan (pl); Kondadjó, acpuedá; gundon.
Cabeça	Aparé (P); ancai (L).	
		Aut; Krein.

(1). *O Territorio das Missões, Ramon Lista, Buenos Aires, 1888; pg. 98 cap. Ethnographia.*

(2) *Do vocabulario do Tenente do Exercito do Paraguay, D. Domingo Patiño que se indica com (P) e algumas palavras ajuntadas pelo explorador Lista, que se indicam com (L).*

(3) *Do vocabulorio do explorador Juan B. Ambrosetti.*

<i>Portuguez</i>	<i>Guayanã</i>	<i>Ingaim</i>
Nariz	Aminhá (P.)	Anedjá; nesa; animá.
Bocca	Amincá (P.)	Amitan; niet kan; aningnú.
Lingua.	—	Agnupá; amundá.
Dente	Amiyao (pl.) (P.)	Amiau (pl.); amniau.
Mão.	Amincaminuitá (P.)	Amenguan; amenga.
	Amenenca (L.)	Amencori.
Pé	—	—
Um	—	Bipá; hiré.
Dous	—	Ri.
Tres	—	Chikari; tuktain.
Quatro	—	Toenospa; scianni.
Cinco	—	Chekaripa (1)

Vocabulario da lingua Guayanã ⁽²⁾

Agua	Cran ou <i>Praul</i>
Arroyo.	Ramuel
Anzol	Amiryá
Bocca	Amincá
Braço	Aguá ou <i>ammá</i>
Cabeça	Aparé ou <i>ancai</i>
Cabellos	Namingai
Collar	Amintao
Canôa	Neá
Camisa	Unamá
Faca	Chambrá ou <i>cochá</i>
Sobrancelhas	Apingrá
Cinza	Nmará
Céo.	Asó ou <i>ará</i>
Dente	Amiyao
Diabo	Amiyuiag
Estrella	Prá
Frente.	Acucá ou <i>apucá</i>
Fogo	Upai

(1) De cinco para adiante usam as palavras badaibere; dejde (muito).

(2) *Exceptuando as palavras impressas em cursivo, que recolhi durante minha viagem, todas as demais que formam este vocabulario, pertencem ao tenente do Exercito do Paraguay D. Domingo Patiño, que praticou em 1863 um rapido reconhecimento do Alto Paraná, dando conta a seu Governo dos resultados de sua commissão em um extenso relatorio publicado em 1881 pela imprensa de «La Reforma» de Assumpção com o titulo de «Diario de uma viagem pelo Paraná».*

Homem	Cuerá
Machado	Nerán
Filho	Antrá
Filha	Ambré
Indio	Quimdá
Leão (puma)	Chichar
Lenha	Amirybiyá
Lua	Pirihi
Mãos	Amincaminuita ou amenpeá
Macaco	Quinheré
Matto	Cuche
Milho	Dan ou guengtá
Mãe	Anhá
Mel de abelha	Má
Lombo	Acré
Nariz	Aminhã
Orelha	Aminerá
Olhos	Apintá
Panella	Curuguá
Pescoço	Ambruy
Peixe	Ndayá
Porongo	Lá
Pestanas	Apitamingahy
Peito	Aminta ou amlé
Peixe	Amintá ou amlé
Remo	Jutá ou itá
Pedra	Queré ou quenê
Ponche	Nli
Porco do mato	Neré
Queixada	Amincrará
Rã	Ndaú
Sól	Roinhá
Tigre	Chuehi
Ventre	Ndao
Veado	Inbechá
Cobra	Cundu
«Zapallo» (=?).	Pohó
Sapo	Npáo

